

BLOCO 05

Viver de novo

CAPÍTULO 24 - ÚLTIMO CAPÍTULO

CRIADA E ESCRITA POR

EVERALDO JÚNIOR

21H

PERSONAGENS:

LÍGIA - Juliana Paes
LEVI - Danilo Mesquita
JÚLIA - Thainá Duarte
TEODORA - Ju Colombo
MAURO - Leonardo Vieira
RAQUEL - Bárbara França
JORGE - Marcos Pasquim
NENA - Zezé Polessa
GABRIELA - Gabriela Medeiros
ROSÂNGELA - Evelyn Castro
VICENTE - Fábio Porchat
IVAN - João Vicente de Castro

CECÍLIA - Heslaine Vieira
LEONORA - Malu Galli
LYRIS - Juliana Paiva
CAMILA - Simone Spoladore
HELENA - Mariana Lima
ESTELA - Suyane Moreira
CAIO - Diego Cruz
VALMIR - Allan Souza Lima
TIAGO - Levi Asaf
ULISSES - Leonardo Brício

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

CLARICE - Isabelle Drummond
CÁSSIA - Alice Carvalho
LÍLIAN - Lavínia Vlasak
MARIA LÚCIA - Selma Egrei

MARISTELA - Regina Braga
CACO - Kiko Mascarenhas

ONTV

CENA 01. INT. MANHÃ. MANSÃO VEIGA.

Levi entra dentro de sua casa.

LEVI

A senhora me chamou aqui pra que?

LEONORA

Eu preciso conversar com você, meu filho.

Leonora abraça Levi, fazendo ele estranhar.

CENA 02. INT. MANHÃ. ESTRADA.

Ao som de Ovelha Negra, Lígia dirige o seu carro em direção a uma praia. Ela ficará por lá até o seu voo para Portugal chegar.

CENA 03. INT. MANHÃ. CASA DE TEODORA.

Cecília adentra da sala, onde Júlia está sentada no sofá.

CECÍLIA

Júlia?

JÚLIA

Oi.

CECÍLIA

Você viu a vovó?

JÚLIA

Ela me mandou um recado querendo conversar.

CECÍLIA

Pra mim também.

JÚLIA

Eu não sei do que se trata, mas se o assunto for a mamãe.

CECÍLIA

O que aconteceu?

JÚLIA

Ela me escondeu que eu sou adotada.

CECÍLIA

Meu Deus. Eu me surpreendo com a quantidade de mentiras e omissões da Lígia.

Teodora entra dentro da sala.

TEODORA

A gente pode conversar?

CECÍLIA

É sobre o quê, vó?

TEODORA

Sobre a Lígia.

Teodora segura as mãos de suas duas netas, unindo-as em um gesto firme e terno, como se quisesse entrelaçar não apenas os dedos, mas também os corações. Há um silêncio reverente no ar, uma pausa que antecede a revelação de algo profundo e delicado. Com um olhar cheio de gravidade e carinho, ela suspira, sentindo o peso das memórias que guardou por tanto tempo.

Ela está prestes a contar a trajetória de Lígia, a verdade que permanece viva apenas em seu coração e que agora, finalmente, encontrará voz. As netas a observam em silêncio, como se pressentissem que, a partir desse momento, nada mais seria como antes.

CECÍLIA

Fala... Pode falar, vó.

TEODORA

Durante muito tempo eu escondi esse segredo pela minha filha. A Lígia preferiria nunca que você, Cecília, nunca tivesse perdoado ela do que te revelar a verdade sobre sua origem.

CECÍLIA

Como assim?

TEODORA

A Lígia era uma jovem muito bonita, exalava carisma. Era uma pessoa solar, que iluminava onde chegava. Até um dia, até uma noite. Uma noite onde ela acordou sem suas vestes no quarto com um diretor do lado.

CECÍLIA

Vó...

TEODORA

A Lígia foi vítima de um abuso,
Cecília.

CECÍLIA

(sem conseguir digerir)
Abuso...

TEODORA

Ela foi abusada pelo Caco.

CECÍLIA

Caco? O Caco Braga?

TEODORA

Sim, pai do Ivan e do Vicente.

CECÍLIA

Eu sou fruto desse abuso?

TEODORA

Eu sinto muito, meu amor. Eu só
estou trazendo a verdade que você
sempre quis ter.

Cecília deixa as lágrimas deslizarem, cada gota um símbolo dos sentimentos que se digladiavam em seu peito. Era a dor silenciosa de ser fruto de uma violência, um peso que lhe marcava a alma, entrelaçado à angústia de não compreender o mundo de Lígia, as razões que a envolviam em um véu de mistério.

TEODORA (CONT'D)

A Lígia tentou de dar carinho, ela tentou se apegar a você durante os três anos que esteve contigo, mas ela não conseguiu superar que ficou grávida de um abusador. Ela ficava imaginando, pensando em como dizer pra você que você foi resultado desse crime. Eu via minha filha nesse estado de loucura, e propus que ela retornasse a sua carreira no exterior e que eu ficasse com você. Eu te dei o amor que ela confiou que eu te daria.

Cecília chora.

TEODORA (CONT'D)

Eu compreendo a dor de uma filha que floresceu sem o olhar da mãe, que trilhou seus 25 anos longe de quem lhe deu a vida. Mas, minha querida, algumas histórias se entrelaçam assim. Há narrativas sem vilões nem heróis, em que a alma humana, com toda a sua profundidade e contradição, supera qualquer papel.

CECÍLIA

Eu fui injusta com ela, vó. Eu fui dura, eu me afastei...

TEODORA

Você só reagiu da forma que qualquer pessoa reagiria, Cecília.

JÚLIA

Eu não sei o que dizer.

TEODORA

Júlia, agora é a sua vez. Assim que a Lígia chegou em Portugal, ela ficou amiga de uma mulher, também modelo, ela era a tua mãe. O nome dela começava com Maria e ela morreu no parto. A Lígia não deixou que a filha da amiga dela fosse parar em um abrigo.

JÚLIA

Porque ela me escondeu a verdade?

TEODORA

A Lígia sempre teve esse jeito de se recolher, de guardar a verdade para proteger. Eu sinto que agora, ela descobriu que a verdade cura.

PASSAM CENAS DE LÍGIA ANDANDO DE CARRO COM A VOZ DE TEODORA DE FUNDO.

TEODORA (CONT'D)

Ela descobriu que a verdade é cura e libertação. Mesmo que às vezes fira, é a única chave para uma vida clara e leve, onde não há mentiras nem o peso de um castelo de enganos.

Júlia e Cecília se olham.

TEODORA (CONT'D)

Eu não vou pedir nada a vocês.
Vocês precisarão descobrir por si
mesmos o que desejam fazer com suas
vidas, com total liberdade. Helena
me contou que Lígia passará três
dias em uma casa de praia antes de
voltar para Lisboa, onde já está em
um novo endereço. O que fazer com
essa notícia é algo que cabe a
vocês decidir.

CENA 04. EXT. MANHÃ. APARTAMENTO DE RAQUEL

SONOPLASTIA: INSTRUMENTAL TRAIÇÃO - JOÃO PAULO MENDONÇA.

Raquel entra no apartamento e dá de cara com Gabriela.

RAQUEL

O que você quer aqui?

GABRIELA

Eu acho que precisamos conversar,
não?

RAQUEL

Eu não tenho nada para conversar
com você, Gabriela. Saia da minha
casa.

GABRIELA

Eu não comprei aquela história. Meu
pai tirar a própria vida? É
impressionante como a justiça desse
país menospreza a capacidade
intelectual das pessoas.

RAQUEL

Seu pai está MORTO!

GABRIELA

Por sua causa, você matou ele. Eu
sei que foi você.

RAQUEL

Saia da minha casa.

GABRIELA

Assume, assume que você que matou
ele.

RAQUEL
 Eu não fiz nada. EU NÃO FIZ NADA
 COM NINGUÉM.

GABRIELA
 VOCÊ MATOU O MEU PAI, VADIA.

RAQUEL
 EU NÃO MATEI SEU PAI.

GABRIELA
 MATOU! MATOU!

RAQUEL
 Eu não fiz nada com ele, Gabriela.

GABRIELA
 Eu estou entrando com uma junta de
 5 advogados amigos do meu pai. Eles
 vão provar e comprovar o golpe que
 meu pai levou de você.

RAQUEL
 Eu não dei golpe em ninguém.

GABRIELA
 Você sabe da influência do meu pai.
 E que ele não só usou essa
 influência vivo por dois fatores:
 amor a você e porque não teve tempo
 de vida. Está nas suas mãos. Você
 não quer voltar para o boteco da
 sua mãe, quer?

RAQUEL
 Quanto você quer pra calar a sua
 boca?

GABRIELA
 Eu quero duas coisas. Eu quero que
 você assuma na minha frente que
 matou o meu pai.

RAQUEL
 Eu não fiz nada.

GABRIELA
 Assume.

RAQUEL
 Gabriela.

GABRIELA
 ASSUME.

RAQUEL
 EU MATEI O SEU PAI. EU DEI DOIS
 TIROS NO CORPO DELE E JOGUEI NO
 MAR.

Gabriela fica incrédula.

Os policiais saem do esconderijo.

POLICIAL
 Raquel Pereira dos Santos você está
 presa.

RAQUEL
 Presa? Eu não fiz nada.

POLICIAL
 Você assumiu a autoria da morte do
 Dr. Mauro Meireles. Está presa!

RAQUEL
 Você armou pra mim, sua infeliz.
 Sua desgraçada.

Gabriela ignora ela.

Raquel é levada presa.

CENA 05. INT. MANHÃ. CASA DE NENA.

Camila e Estela entram na sala e encontra Tiago com a avó.

CAMILA
 Estela, você leva o Tiago para
 dentro?

ESTELA
 Bora, Tiago... Com a tia?

Estela pega na mão de Tiago e ambos saem.

CAMILA
 Mãe... Aconteceu.

NENA
 O quê?

CAMILA
 A Raquel foi presa.

Nena deixa as lágrimas escorrerem em seu rosto.

CAMILA (CONT'D)

Ela caiu em uma emboscada criada
pela filha dele. Ela está presa.

SONOPLASTIA: Cais - Caetano Veloso.

"Para quem quer me seguir"

CENA 06. INT. MANHÃ. DELEGARCIA.

Nena se aproxima de Raquel através das grades, seus olhos marejados, mas firmes. A troca de olhares é profunda, carregada de amor e dor, revelando a força de uma mãe que, diante do que vê, escolhe acolher ao invés de julgar.

Nena segura as mãos de Raquel entre as grades, trazendo-a para perto num gesto quase desesperado.

NENA

Eu vou te consertar, meu amor. Eu
vou tirar você daqui. Eu vou
consertar você.

Raquel fecha os olhos, apertando as mãos da mãe, absorvendo a promessa silenciosa de que, mesmo ali, não está sozinha.

RAQUEL

A senhora não vai desistir de mim?

NENA

Nunca. Pra desistir de você, eu
precisaria desistir de mim
primeiro.

RAQUEL

Eu te amo, mãe.

NENA

Eu também te amo.

RAQUEL

Eu errei muito.

NENA

Você cometeu aquele crime?

RAQUEL

Cometi.

NENA

Você vai pagar por ele. E quando
você sair, meu amor, eu estarei
esperando você pra gente voltar pra
nossa casinha. De onde a gente
nunca deveria ter saído, meu amor.

Nena beija a testa de sua filha.

CENA 07. EXT. MANHÃ. ABRIGO SÃO CARLOS.

Maristela para o carro, com Ivan no banco do passageiro.

MARISTELA

Você tem certeza que quer ir?

IVAN

Tenho.

Ivan desce do carro.

CORTA PARA O JARDIM DO ABRIGO.

Ele avista um idoso em meio a flores.

SONOPLASTIA: FLAUTA HELENA - EM FAMÍLIA

Ivan se aproxima dele.

IVAN (CONT'D)

Oi...

ZECA

Eu sabia que você vinha...

IVAN

Tudo bom?

ZECA

Tudo e com você, meu filho?

IVAN

Tudo muito novo, né?

ZECA

Não tenho mais idade pra guardar
raiva de sua mãe. A história foi
escrita dessa forma porque tinha
quer escrita dessa forma.

IVAN

Você pensa assim?

ZECA

Se eu não pensasse, eu estava maluco. Olha a oportunidade que a gente está tendo. Não é bonito?

IVAN

É.

ZECA

Eu sei que tô velho, mas isso não impede a gente de construir uma relação. Se for do seu agrado, claro.

IVAN

Claro que é. Eu não estou aqui atoa.

ZECA

Você é diretor, né?

IVAN

Sou.

ZECA

Deixa eu te mostrar uma coisa...

Zeca pega uma flauta escondida em sua cadeira de rodas e começa a tocar a música Vilarejo.

Ivan se emociona e abraça ele, após o fim da apresentação.

CENA 08. EXT. TARDE. PARQUE.

Caio se aproxima de Júlia, que está sentada em um banco, olhando para o vazio. Ele para ao lado dela, observando-a por um momento antes de falar.

CAIO

Eu achei que você não vinha.

JÚLIA

Eu vim.

Caio respira fundo, parecendo escolher as palavras.

CAIO

Júlia, eu queria conversar sobre a gente.

JÚLIA

Pode falar, Caio.

CAIO

A gente se envolveu, foi válido,
foi real, foi bonito... mas não foi
profundo.

JÚLIA

(suspira)

É, eu sei. A nossa relação sempre
foi muito superficial. Eu senti
isso também.

CAIO

Eu acho melhor a gente seguir
sozinho. Um sem o outro.

JÚLIA

(assente lentamente)

Eu também acho que vai ser melhor
assim. (pausa) Você não esqueceu a
Cecília.

CAIO

(abaixa o olhar)

É.

JÚLIA

(sorri de leve)

Volta pra ela. É um conselho de ex-
ficante e, agora, cunhada.

Os dois trocam um olhar de compreensão mútua.

CENA 09. INT. TARDE. ESTÚDIO BRAGA.

Cecília entra no Estúdio e dá de cara com Ivan.

CECÍLIA

Eu já sei de tudo. A gente não pode
se envolver, somos irmãos.

IVAN

Não somos.

CECÍLIA

Como assim?

IVAN

Cecília, você é filha do Caco.

CECÍLIA

Eu sei. O Caco, seu pai.

IVAN

Ele não é meu pai biológico.

CECÍLIA

Como assim?

IVAN

A minha mãe não sabia, mas eu não sou filho dele. Ela se envolveu com um homem, mas nunca pensou que eu pudesse ser fruto desse envolvimento. Com essa história toda, ela foi buscar um jeito de fazer um exame de DNA e eu sou filho de um flautista que vive em um abrigo.

CECÍLIA

Meu Deus. Isso está parecendo webnovela.

IVAN

Cecília, a gente pode tentar.

CECÍLIA

Eu não quero tentar nada, Ivan. Eu só quero a sua amizade.

IVAN

Entendi.

CECÍLIA

Você me compreende?

IVAN

Claro.

Ivan abraça Cecília.

CENA 10. INT. MANHÃ. CASA DE LÚCIA.

SONOPLASTIA: NIGHTIE NIGHIT - MARINA LIMA

Cecília estaciona a moto e entra dentro de casa.

CECÍLIA

Dona Lúcia?

Caio abre a porta da cozinha.

CAIO

Ela foi viajar. E você?

CECÍLIA
Eu estou aqui.

CAIO
Eu sabia que você viria.

CECÍLIA
Eu não consegui esquecer você. Você sabe que eu te amo muito.

CAIO
Eu também te amo.

CECÍLIA
Aquele dia... Eu não retribui o beijo, mas eu me senti uma traidora.

CAIO
Esquece aquele dia.

Caio se aproxima de Cecília.

CAIO (CONT'D)
(sussurrando)
O importante é que você está aqui. Comigo.

Ambos se beijam.

CECÍLIA
Que saudade do seu beijo, que saudade da sua boca.

CAIO
Eu amo você. Eu te adoro em tudo.

No quarto, Caio tira a roupa de Cecília e ela sobe em cima dele, que já está sem roupas. Amos trocam carícias e transam.

O quarto escurece, mas após isso, ele levanta e abre a janela para a entrada do sol.

CAIO (CONT'D)
Você fica aqui? Passa esse fim de semana comigo?

CECÍLIA
Eu tenho que ir em Angra.

CAIO
Angra?

CECÍLIA

Eu tenho que ir. Me resolver de vez
com a Lígia.

CENA 11. INT. TARDE. MANSÃO VEIGA.

Leonora se aproxima de Levi, hesitante, mas determinada. Ele a observa em silêncio, atento a cada palavra que ela está prestes a dizer.

LEONORA

E foi isso. Eu descobri que a
solidão não é pra mim. Perdão por
tudo, meu filho.

LEVI

Isso era tudo que eu queria ouvir.

LEONORA

(se emociona, desviando o
olhar por um instante)
Eu sei que sempre fui uma pessoa
muito conservadora, controladora...
uma mãe narcisista. (pausa) Eu
estou tentando melhorar, sabe? Mas
eu preciso de você aqui comigo.

LEVI

(determinado, mas com um
tom suave)
Eu não quero voltar a morar aqui.
Mas eu prometo que venho mais
vezes.

Leonora sorri, aliviada, deixando escapar um brilho de
esperança nos olhos.

LEONORA

Eu te amo, meu filho.

LEVI

Eu também amo você, mãe.

Os dois se olham com um novo entendimento, como se uma antiga
barreira finalmente tivesse sido derrubada.

SONOPLASTIA: COMO EU QUERO - KID ABELHA.

Passam imagens do Rio de Janeiro anoitecendo, as pessoas
voltando pra casa, os ônibus levando pessoas, cada uma com
seu destino, com seu caminho.

CENA 12. EXT. NOITE. AEROPORTO.

Helena e Gabriela aparecem indo em direção ao embarque, enquanto Jorge aparece sentado lá atrás.

HELENA

Por mim, você ficaria mais.

GABRIELA

Você sabe que eu preciso ir. Me curar. Esse retorno ao Brasil foi cheio de coisas novas pra mim.

HELENA

Eu sei, meu bem.

GABRIELA

Eu não quero que você termine ou fique deferente com o Jorge. Ele é um homem bom, íntegro e que te ama.

HELENA

Eu sei.

GABRIELA

Então, você me promete?

HELENA

Prometo.

GABRIELA

Eu te amo, mãe.

HELENA

Eu te amo mais, minha filha.

GABRIELA

Hora de ir.

HELENA

Eu te amo, meu amor.

Gabriela parte e acena para Helena e para Jorge.

Helena se aproxima de Jorge.

HELENA (CONT'D)

Ai como dói minha filha gostar tanto de viajar.

JORGE

Eu imagino, meu amor, mas filho cria asas e voa, né? Não se pode ficar prendendo ninguém ao ninho.

HELENA

Por mim, eu prendia.

Ambos riem.

CENA 13. INT. NOITE. FLAT DE LYRIS.

SONOPLASTIA: TARDE DE OUTONO CINZA

Lyris caminha lentamente pela sala, os ombros caídos e o semblante carregado. Ela passa a mão pela testa, visivelmente exausta e abatida. A luz fraca de um abajur ilumina o ambiente, criando um clima de melancolia. No centro da mesa, um copo de whisky já meio vazio e um cigarro apagado no cinzeiro. Lyris se senta, pega o copo e o ergue até os lábios, antes de dar um gole. Ela observa o copo por um momento, como se tentasse encontrar respostas na bebida. De repente, ela solta uma risada amarga, que mal sai, como um suspiro de quem já desistiu de tudo. O olhar dela se perde na distância, em algum ponto indefinido da sala.

LYRIS

Eu perdi. Eu sei que eu perdi.

Ela solta um longo suspiro e olha para o cigarro. Lyris pega o cigarro, acende-o com a mesma mão que segura o copo, e dá uma tragada profunda. O fumo se espalha lentamente pela sala. Ela se recosta na cadeira, os olhos fechados, deixando que a fumaça tome conta do ambiente.

LYRIS (CONT'D)

(pausa)

Eu dei tudo de mim... Tentei, dei tudo o que tinha, tudo o que sou. Mas ele... ele já não vê mais nada de mim.

Ela balança a cabeça, como se tentasse afastar o pensamento, mas o pesar é forte demais. Ela olha para o copo novamente, já não parece saber o que espera encontrar ali. Apenas reflete.

LYRIS (CONT'D)

Eu vivi essa mentira... todos esses dias, essas noites, pensando que ele ia ver... pensar que ia voltar pra mim. Que ia olhar pra mim e ver a mulher que ele sempre amou.

(pausa)

Mas, no final... não passava de um fantasma. Só restou a saudade, o vazio.

Ela dá outro gole no whisky, os olhos fixos em algo além, como se estivesse conversando consigo mesma. O cigarro arde lentamente entre os dedos, mas ela não parece se importar. Lyris fecha os olhos novamente, sua expressão ainda perdida na solidão.

LYRIS (CONT'D)

(suspiro)

Eu sou boa nisso... de me enganar,
de me iludir... De achar que, de
alguma forma, vai dar certo. Mas,
no fim...

(pausa, fala para si
mesma)

... não vai.

Ela dá um último trago no cigarro, e a chama se apaga. Lyris se levanta lentamente, vai até a janela e observa a rua abaixo. O vento entra pela janela, bagunçando seu cabelo, mas ela permanece ali, imersa nos próprios pensamentos.

LYRIS (CONT'D)

(voz rouca)

Eu realmente perdi, não é? Não tem
mais volta. Ele não vai voltar.
Nunca.

Ela fica em silêncio por um momento, com os olhos fixos na cidade à sua frente, e finalmente solta uma risada, mas não é uma risada feliz—é uma risada triste, amarga.

CENA 14. INT. NOITE. PRESÍDIO FEMININO.

Raquel entra no presídio. Seu semblante é de medo, tristeza, e incerteza. Ela olha ao redor, a tensão é visível em seu rosto. O som abafado de gritos e barulhos ecoa pelo corredor. Raquel dá um passo hesitante, as mãos trêmulas segurando a bolsa contra o corpo. Ela segue o corredor com cautela, seu olhar se move rapidamente de um lado para o outro. Quando ela chega perto de uma cela, a visão de presas brigando faz seu coração disparar. Ela fica paralisada por um instante, assustada, observando a violência. Algumas mulheres a encaram com indiferença, outras continuam a brigar. O ambiente é hostil, opressor.

RAQUEL

Meu Deus... o que eu estou fazendo
aqui?

Ela dá um passo atrás, tentando desviar o olhar, mas a cena continua marcada em sua mente. O ambiente cheira a ferro e a comida estranha.

Ela engole seco quando percebe o tipo de refeição servida em bandejas simples e mal apresentadas, com pouca comida e sem cuidados. Raquel franze a testa, sentindo o estômago embrulhar.

A cena corta para a biblioteca do presídio. Raquel, agora um pouco mais calma, está sentada em uma mesa, com livros ao seu redor. Ela folheia um livro com a expressão distante, como se estivesse buscando algo para se distrair da realidade ao seu redor. Ela olha as páginas com atenção, mas seu olhar perde o foco várias vezes, sua mente claramente dividida entre o que está vivendo e o que ela perdeu.

RAQUEL (CONT'D)

Eu não sei quanto tempo vou
aguentar isso... Não sei...

Ela fecha o livro lentamente e olha para o nada, enquanto as vozes e o som de gritos distantes continuam a invadir a sala. A câmera se afasta lentamente, revelando a biblioteca solitária e o espaço vazio, com a mulher perdida em seus próprios pensamentos, presa não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

CENA 15. INT. NOITE. CASA DE NENA.

O ambiente está imerso em total escuridão. Apenas a luz tênue da lua entra pela janela, mal iluminando o espaço. Nena, com o rosto tenso e os olhos marejados, se move lentamente pelo quarto. Ela segura uma vela na mão, a chama oscilando suavemente com o vento que entra pela fresta da janela. Ela coloca a vela sobre a mesa de madeira, com o rosto marcado pela preocupação e o medo. Nena fecha os olhos por um momento, tomando fôlego, antes de acender a vela. A chama brilha intensamente, contrastando com a escuridão ao redor.

Com as mãos postas juntas, Nena se ajoelha diante da vela acesa, a imagem da Virgem Maria à sua frente. O rosto de Nena se contorce em agonia, sua voz tremendo de desespero.

NENA

(voz abafada)

Virgem Maria, me ajude... minha
filha, minha filha... eu não sei o
que fazer.

Ela se curva ainda mais, em uma súplica silenciosa, seus olhos fechados enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto. A chama da vela parece vacilar com a força do vento, mas Nena continua a rezar, implorando pela proteção de sua filha.

NENA (CONT'D)

Por favor, proteja minha filha. Eu não aguento mais. Me dê forças, me dê uma resposta.

Ela permanece em silêncio por alguns segundos, olhando fixamente para a vela, como se esperasse alguma resposta. O som da sua respiração, entrecortada e pesada, é o único som no ambiente silencioso. A câmera se aproxima da vela, focando na chama que luta para não se apagar, enquanto Nena continua a oração, mais uma vez se entregando à sua dor.

CENA 16. EXT. NOITE. PARQUE.

Estela e Camila caminham lado a lado, suas mãos entrelaçadas com uma conexão silenciosa e forte. O vento suave balança os cabelos delas enquanto elas trocam olhares de cumplicidade e conforto. A cidade ao redor segue seu ritmo, mas para as duas, o mundo parece ter diminuído, focando apenas na proximidade uma da outra.

Estela sorri suavemente para Camila, seus olhos brilhando com ternura. Camila retribui o sorriso, apertando a mão de Estela com mais força, como se transmitisse um sentimento de segurança e carinho.

ESTELA

(voz suave)

Você sempre soube o que dizer.

CAMILA

(olhando para Estela,
sorrindo)

Eu só digo o que você precisa ouvir.

Elas continuam a caminhar, sem pressa, desfrutando do momento. A sensação de liberdade no ar parece refletir o que as une, algo que vai além de palavras, capturado apenas no toque das mãos.

CENA 17. INT. NOITE. APARTAMENTO DE HELENA. QUARTO.

Helena olha nos olhos de Jorge, um olhar que transborda emoção. Ela aproxima o rosto dele com delicadeza, seus lábios se tocando em um beijo suave, mas profundo. Jorge a segura pela cintura, puxando-a um pouco mais para perto, sentindo a conexão entre eles crescer.

O beijo vai se tornando mais intenso, e os dois começam a se envolver com mais paixão.

As mãos de Helena percorrem as costas de Jorge, enquanto ele segura seu rosto com carinho, como se temesse perder esse momento.

A câmera foca em seus rostos, capturando a troca de sentimentos entre os dois, antes de se afastar lentamente, dando espaço para que o foco permaneça no vínculo emocional que se forma entre eles.

Ambos se beijam.

SONOPLASTIA: RECOMEÇAR - TIM BERNARDES

Escurece e Amanhece no Rio de Janeiro, com imagens da Capital e de Búzios.

CENA 18. INT. MANHÃ. CASA DE PRAIA.

Lígia está sentada em frente ao mar. Júlia e Cecília entram no local.

LÍGIA
Vocês? Juntas?

CECÍLIA
A gente pode conversar?

LÍGIA
Pode.

JÚLIA
A Teodora teve uma conversa com nós duas. Eu vim te agradecer por tudo que você fez por mim, mãe. De verdade.

LÍGIA
(emocionada)
Não precisa agradecer, meu bem.

JÚLIA
Eu não poderia ter agido daquela forma, falado as barbaridades que falei. Eu não poderia.

LÍGIA
Todos nós temos momentos assim.

JÚLIA
Eu te amo.

LÍGIA
Eu também te amo. Amo vocês duas.

CECÍLIA

A vovó também falou sobre mim.

LÍGIA

O que sua vó te disse, Cecília?

CECÍLIA

Nada que pudesse afastar a gente.
Muito pelo contrário. Ela só me fez
ter mais admiração por você.

LÍGIA

(chorando)

Eu não queria que você soubesse,
meu bem. Você não merecia saber a
verdade.

CECÍLIA

Doeu saber de tudo. Aquela
história.

LÍGIA

Eu imagino.

CECÍLIA

A Verdade foi necessária. Sem a dor
da verdade, eu não te entenderia,
sabe? Valeu a pena sentir a dor, o
baque. Só assim a gente pode se
conectar de verdade.

LÍGIA

Oh minha filha.

Lígia abraça Cecília.

LÍGIA (CONT'D)

Eu não quero que você se sinta como
fruto de um abuso. Eu quero que
você sinta-se como minha filha, que
eu me apaixonei.

CECÍLIA

É doloroso pra mim, mas pra você,
deve também ter sido.

LÍGIA

Foi muito forte.

CECÍLIA

A gente não pode mudar o passado.
Temos a chance de mudar o presente
e ressignificar o futuro.

(MORE)

CECÍLIA (CONT'D)
 Você aceita essas duas filhas
 completamente opostas?

LÍGIA
 Isso é tudo que eu mais quero na
 vida, meu Deus. Não há medidor para
 calcular a felicidade que eu estou
 sentindo. Eu estou muito feliz.

Lígia envolve Cecília e Júlia em um abraço, e naquele gesto simples, o tempo parece se suspender. O calor dos corpos se mistura com a suavidade do momento, criando uma conexão que transcende palavras. Ali, naquele abraço, nasce algo profundo — uma sensação primitiva, quase ancestral. É como se a própria essência do amor materno estivesse sendo esculpida, camada por camada, naquele instante.

O toque de Lígia é firme, mas suave, como se suas mãos quisessem construir algo sólido e duradouro. A ternura em seu gesto não é apenas de afeto, mas de um compromisso silencioso com o futuro das três, com os laços invisíveis que se formam entre elas. O abraço não é apenas físico, mas uma troca de sentimentos, um entendimento mudo de que, naquele momento, algo novo e poderoso está sendo forjado.

É como se o alicerce da relação das três estivesse sendo levantado, uma base invisível, mas forte, sobre a qual todas as histórias e emoções do futuro serão construídas. O sentimento que emana dali é o eco de um amor que sempre esteve presente, mas que agora ganha forma, se renova e se solidifica. É o renascimento de um amor antigo, revivido e ressignificado em cada gesto, em cada suspiro compartilhado.

Levi adentra na sala.

LEVI
 Lígia? A gente pode conversar?

Lígia olha para ele, um olhar sereno, mas com um toque de tristeza. Ela responde com uma calma que não esconde a profundidade do que está por trás de suas palavras.

LÍGIA
 Claro que podemos, Levi.

JÚLIA
 A gente vai pra cozinha.

Cecília, com um sorriso amável, se dirige para a saída.

CECÍLIA
 Como vai, Levi?

LEVI

Bem, e você?

CECÍLIA

Também. Qualquer coisa, só chamar.

Cecília e Júlia saem, e o ambiente entre Levi e Lígia se torna mais íntimo, carregado de um silêncio que paira antes das palavras que precisam ser ditas. Levi dá um passo à frente, hesitando um momento antes de se aproximar de Lígia, como se buscasse algo que não conseguia encontrar.

LEVI

Você sumiu, Lígia. Só deixou aquela carta se despedindo. Eu fiz alguma coisa que te desagradou?

Lígia mantém a postura tranquila, mas seus olhos revelam um leve pesar. Ela balança a cabeça, suavemente, como se a dor fosse difícil de expressar em palavras.

LÍGIA

Não, você não fez nada.

Levi a observa atentamente, buscando algo em sua expressão, alguma pista do que não compreende. Ele tenta de novo, sua voz mais baixa, mais vulnerável.

LEVI

Então, por que você sumiu?

LÍGIA

Eu me despedi de você por meio daquela carta.

Levi parece absorver a resposta, mas não se dá por vencido. A dor em seu olhar é clara, a angústia por algo não resolvido ainda o consome.

LEVI

Você quer construir uma vida ao meu lado?

Lígia suspira, um suspiro profundo, que parece carregar todo o peso de suas escolhas e do que está por vir. Ela olha para ele com gentileza, mas com uma clareza que atravessa qualquer tentativa de ilusão.

LÍGIA

Levi, você é um homem bom. Contudo, não dá pra gente ficar juntos.

Levi se aproxima ainda mais, a expressão de confusão misturada com dor.

LEVI

Porque?

Lígia fica em silêncio por um momento, seus olhos evitando os dele por breves segundos, como se tentasse encontrar as palavras certas. Ela olha para ele, e sua voz é firme, mas cheia de uma sinceridade desconcertante.

LÍGIA

Pela nossa vida, Levi. Eu estou vivendo um momento de tantas transformações que firmar um relacionamento com alguém agora... será um tiro no pé.

Levi fica em silêncio, a dor em seu olhar se intensifica. Ele tenta entender o que ela está dizendo, como se quisesse encontrar uma maneira de lutar por aquilo que sente.

LEVI

Eu gosto de você, você me fez bem.

Lígia o olha por um momento, como se a resposta já estivesse dada, mas ela ainda deseja ser delicada. Ela respira fundo, sabendo que a verdade será difícil, mas necessária.

LÍGIA

Você sabe que ainda não esqueceu ela.

LEVI

A Clarice?

LÍGIA

Os processos de cura demoram, demandam tempo.

Ela se aproxima lentamente, colocando a mão em seu braço de forma reconfortante, um gesto que transmite a compreensão que ela tem do que ele está passando.

LÍGIA (CONT'D)

Eu acredito que você possa se curar, Levi. Eu torço para isso, inclusive. Contudo, você não pode firmar algo comigo, nem com ninguém.

Levi respira fundo, seu olhar agora mais triste, mas já ciente da verdade. Ele engole a dor que começa a se formar em sua garganta.

LEVI

É isso, então?

Lígia o olha, o coração apertado, e sua voz se torna suave, cheia de uma delicadeza que esconde o sofrimento por trás da decisão.

LÍGIA

Eu não quero acabar dessa forma,
Levi.

Levi dá um passo para trás, a expressão de aceitação tomando o lugar da dor, embora ainda marcado pela saudade do que poderia ter sido. Ele sorri, mas o sorriso não é completo.

LEVI

É que eu sei que você está certa,
Lígia.

Lígia o observa com uma expressão serena, mas profundamente tocada pela sinceridade em seus olhos. Ela coloca uma mão sobre a dele, como uma promessa de apoio.

LÍGIA

Você sabe que pode contar com meu
apoio e com a minha amizade, Levi.

Levi aperta a mão dela com gratidão, seus olhos dizendo o que as palavras não podem expressar.

LEVI

Eu sei disso.

SONOPLASTIA: LÍGIA - GAL COSTA

CENA 19. EXT. TARDE. PRAIA.

Lígia anda sozinha pela praia. As pequenas ondas invadem os seus pés e, na sua cabeça, existem diversos pensamentos.

Ela encontra Ulisses.

ULISSES

Lígia?

LÍGIA

Dr. Ulisses.

ULISSES

Que doutor?

LÍGIA

Ulisses... Que bom te reencontrar.

O brilho nos olhos de Lígia são visíveis, tais qual, os olhos dele.

CENA 20. EDIÇÃO.

SONOPLASTIA: FORÇA ESTRANHA - CAETANO VELOSO

IMAGENS EM MONTAGEM RÁPIDA - VARIADOS NÚCLEOS

NA RUA - DIA

A câmera segue Tiago e Dulce enquanto eles brincam em uma calçada movimentada, cercados pelo barulho da cidade. As risadas deles ecoam ao fundo, misturando-se com o som da música de Caetano Veloso que começa a tocar suavemente. Eles correm de mãos dadas, se divertindo com algo simples e espontâneo. As pessoas ao redor olham para eles com admiração, mas é Estela e Camila, que estão ao longe, observando o momento com um sorriso nos rostos. Ambas trocam um olhar de cumplicidade, reconhecendo a leveza e a alegria na cena.

ESTELA

(sorrindo, olhando para
Camila)

É bonito ver a infância assim, né?

CAMILA

(afirmativa, com um
sorriso suave)

É, a liberdade deles é contagiante.

A câmera se afasta deles, dando um ângulo amplo da rua, capturando a energia do momento, enquanto a música de Caetano continua.

NA MANSÃO VEIGA - NOITE

A câmera corta para a elegante Mansão Veiga, iluminada e acolhedora. Levi e Leonora estão sentados à mesa de jantar, uma refeição simples, mas aconchegante. Eles trocam olhares de reconciliação enquanto compartilham a comida, um gesto silencioso que transmite o começo de uma nova fase entre os dois. A música de Caetano acompanha o momento com suavidade, um pano de fundo que reforça a tensão delicada entre eles.

LEVI

(baixando os olhos para o
prato)

Nunca imaginei que estaríamos aqui
de novo.

LEONORA

(sorrindo de forma suave)

Às vezes, a vida tem esses
retornos, Levi.

Ambos trocam um olhar carregado de significados, e a cena se dissolve lentamente para o próximo núcleo.

NA CASA DE PRAIA - TARDE

Teodora chega à casa da filha, e a cena é tomada por uma energia positiva. A casa de praia, simples e cheia de vida, ganha uma aura ainda mais calorosa com sua presença. Lígia, Cecília e Júlia estão na sala, e as risadas das mulheres preenchem o ambiente. Quando Teodora entra, as três se levantam instantaneamente, recebendo-a com um abraço coletivo, como se o espaço se preenchesse de uma nova alegria com a chegada dela. O som da música de Caetano Veloso permeia a cena, ligando-a com a suavidade e a sensação de acolhimento.

TEODORA

(olhando ao redor,
emocionada)

Que alegria ver todos vocês aqui. A família reunida... Isso é tudo que eu precisava.

LÍGIA

(sorrindo)

Sua presença sempre traz luz, mãe.

A câmera capta o momento de união, o calor da casa irradiando uma sensação de completude.

EM UM CONSULTÓRIO - DIA

Helena e Jorge estão sentados frente a frente, com a médica ao lado deles. Ela olha para os dois com um sorriso acolhedor, passando-lhes os resultados. Quando ela fala, as palavras são carregadas de uma felicidade serena.

MÉDICA

Parabéns, vocês vão ser pais.

Helena e Jorge se olham com um misto de surpresa e alegria. Ambos trocam sorrisos, o coração deles batendo mais rápido pela novidade. Helena, com a mão sobre a barriga, sorri com uma ternura que transborda. Jorge segura sua mão, e eles compartilham um olhar de cumplicidade, sem palavras, mas com tudo o que essa notícia significa para ambos.

JORGE

(olhando para ela,
emocionado)

Eu... não sei o que dizer. Isso é... incrível.

HELENA

(sorrindo, com a voz
suave)

Vamos ser pais, Jorge... isso é
tudo que eu sempre quis.

A câmera captura o sorriso deles, uma expressão de felicidade genuína e profunda, enquanto a música de Caetano Veloso continua a tocar ao fundo, criando uma atmosfera envolvente e cheia de significado.

A cena segue para um fade out, com a música de Caetano ressoando como uma trilha sonora suave, acompanhando a jornada de transformação e novas etapas que estão se desenrolando para todos os personagens.

CENA 21. EXT. DIA. PRAIA.

SONOPLASTIA: Reckoner Vitamin String Quartet (Radiohead's In Rainbows)

Lígia, Júlia, Teodora e Cecília estão na praia, onde a brisa marinha se mistura aos risos que dançam no ar. O sol aquece seus rostos, mas é o calor do afeto que se espalha por entre elas, vibrando em cada olhar e em cada toque. Como se as ondas que vêm e vão carregassem consigo as histórias de quem foram e o que se tornaram juntas. Elas correm, trocam sorrisos, deixando pegadas que o mar apaga mas o coração guarda.

É o amor em seu estado mais elementar, puro e entrelaçado, uma constelação de afeto pulsante.

CENA 22. INT. TARDE. RUA.

A porta pesada do presídio se abre, revelando Raquel. Ela dá seus primeiros passos em liberdade, hesitante, quase incapaz de acreditar na realidade diante dela. O rosto cansado carrega marcas de noites insones e memórias que ela jamais conseguirá esquecer. Do lado de fora, uma névoa suave paira, e o sol começa a nascer, derramando uma luz delicada sobre a cena.

À sua frente, Camila e Nena a aguardam. Camila, de pé ao lado da mãe, não contém a emoção e avança, os braços abertos, enquanto os olhos brilham com a antecipação e o alívio de finalmente reencontrar a irmã.

CAMILA

Raquel...

Raquel se aproxima, ainda em silêncio, como se cada passo exigisse esforço. Ao se deparar com o olhar acolhedor de Camila, sente as barreiras emocionais cederem, e ela cai em seus braços, deixando que a dor e a saudade se transformem em um abraço forte e redentor.

NENA

(voz embargada)

Minha filha... minha menina voltou.

Nena, sua mãe, observa a cena com o coração transbordando de emoção. Ela avança lentamente, os olhos marejados, mas o sorriso é de um amor imenso, o amor de uma mãe que esperou por tanto tempo. Com o rosto coberto de ternura, Nena envolve as duas filhas, segurando-as com firmeza, como se temesse que aquele momento escapasse de suas mãos.

RAQUEL

(em um sussurro, tocada pelo reencontro)

Eu achei que nunca mais fosse sentir isso... essa paz.

Camila acaricia o rosto de Raquel, enxugando as lágrimas que escorrem sem controle.

CAMILA

Agora você está em casa. Agora a gente vai estar ao seu lado, sempre.

NENA

Eu vou comprar um sorvete pra gente. Só um minuto.

Nena sai e Camila se aproxima de Raquel.

CAMILA

Sabe que eu me sinto culpada um pouco pelo que aconteceu?

RAQUEL

Como assim?

CAMILA

Você sempre foi muito próxima da Cássia, enquanto eu sempre fui da mamãe. Eu poderia ter sido tão presente quanto a Cássia foi na sua vida.

RAQUEL

Você não tinha obrigação.

CAMILA

Tinha dever, Raquel. Minha irmã, eu quero que você saiba que pode contar comigo e eu quero que esse seu recomeço seja o início da construção da nossa irmandade.

Raquel abraça Camila.

A câmera se afasta lentamente, capturando as três mulheres ali, unidas em um abraço que ultrapassa qualquer sofrimento, qualquer barreira. Ao fundo, o sol nasce, iluminando-as com uma luz dourada, simbolizando o recomeço de uma nova história, cheia de amor, cura e resiliência.

CENA 23. INT. FIM DE TARDE. CASA DE NENA.

A porta da casa se abre lentamente, e Raquel entra, ainda desacostumada com o mundo lá fora. O rosto carrega uma mistura de cansaço e alívio. Na sala, onde a luz do final da tarde banha o ambiente em tons dourados, estão Camila e Estela, sua nova namorada, aguardando-a com sorrisos gentis. Ao fundo, o som suave e melancólico de "*Lanterna dos Afogados*" preenche o ar, como um abraço invisível que envolve todos ali.

Tiago, o sobrinho, vê Raquel e corre na direção dela, os pequenos braços abertos, cheios de saudade.

TIAGO

(sorrindo, com os olhos brilhantes)

Tia Raquel!

Raquel se ajoelha e recebe o abraço de Tiago, emocionada, apertando-o com carinho, sentindo o calor e a inocência que trazem um conforto há muito perdido. Ela fecha os olhos, tentando absorver aquele instante em que tudo parece seguro e familiar.

RAQUEL

(sussurrando, emocionada)

Que saudade de você, meu pequeno.

Camila se aproxima, e ao lado dela está Estela, que observa a cena com discrição e respeito. Camila coloca a mão no ombro de Raquel, que se levanta devagar, agora de frente para a irmã e para Estela.

CAMILA

Raquel, quero te apresentar a Estela.

Raquel olha para Estela, que lhe oferece um sorriso afetuoso, um sorriso que comunica acolhimento e empatia. Raquel sorri de volta, com um olhar misto de timidez e gratidão.

ESTELA

É um prazer te conhecer, Raquel.
Seja bem-vinda.

Raquel sente o calor na voz de Estela e hesita por um momento, antes de estender a mão. Estela, porém, a abraça de imediato, transmitindo uma sensação de pertencimento que Raquel não esperava encontrar tão cedo.

RAQUEL

(obrigada, com a voz
baixa)
Obrigada... é bom estar em casa.

Lanterna dos Afogados continua a tocar, e a música envolve a cena em uma atmosfera de nostalgia e esperança, como se todos ali soubessem o valor daquele recomeço.

A câmera se afasta levemente, capturando a nova família que se forma: Raquel com o sobrinho em um braço, o abraço acolhedor de Camila e Estela ao redor dela, e a promessa de dias melhores. O som da música ecoa ao fundo, embalada pelo calor daquele lar.

CENA 24. INT. MANHÃ. CASAMENTO.

SONOPLASTIA: DOIS RIOS - SKANK

A luz do entardecer banha o jardim com tons dourados e rosados. A cerimônia de casamento de Helena e Jorge acontece ao ar livre, em um espaço rodeado por flores e árvores, com pétalas de rosa espalhadas pelo corredor central. O clima é de celebração, de um amor que se construiu com delicadeza e cumplicidade.

Convidados se acomodam em cadeiras decoradas com fitas brancas e flores do campo. Mais à frente, Lígia e Levi, padrinhos do casal, trocam olhares emocionados, felizes pelo momento dos amigos. Levi segura as alianças em uma pequena caixa de veludo, com o rosto sereno. Ao lado dele, Lígia observa a cena com os olhos brilhando, envolvida pela ternura do momento.

Mais atrás, Teodora está ao lado de Júlia e Cecília, que, com olhos atentos e encantados, absorvem cada detalhe, como se aquele fosse o dia mais mágico de suas vidas. Teodora segura a mão das netas, sorrindo e observando a cena com orgulho e amor, irradiando a alegria de quem vê a família se fortalecer.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

(suave, com um tom
envolvente)

Estamos aqui hoje para celebrar o
amor de Helena e Jorge, que
escolheram compartilhar suas vidas
e construir uma nova jornada
juntos.

Os convidados sorriem, alguns se emocionam. Jorge, com um semblante de felicidade tranquila, aguarda Helena com um brilho nos olhos. Ao som de uma suave melodia, Helena surge ao longe, caminhando pelo corredor ao lado do pai. Vestida com um vestido simples e elegante, que combina perfeitamente com a atmosfera leve e bucólica, ela avança devagar, os olhos fixos em Jorge, com um sorriso tímido e apaixonado.

Quando Helena chega ao altar, os dois se olham com cumplicidade e amor, como se cada um estivesse reencontrando o outro em uma promessa silenciosa de eternidade.

MESTRE DE CERIMÔNIAS (CONT'D)

Helena e Jorge, hoje vocês escolhem
um ao outro, e com isso, escolhem
dividir os desafios, as alegrias e
todos os momentos que o futuro
trouzer.

Lígia segura uma pequena lágrima que escorre e aperta o braço de Levi, que sorri para ela, sentindo o peso do momento. Júlia e Cecília, admiradas, seguram as mãos uma da outra, encantadas com o clima e a beleza da cerimônia.

MESTRE DE CERIMÔNIAS (CONT'D)

Agora, troquem as alianças como
símbolo da união e do amor que se
prometeram.

Levi se aproxima e entrega a aliança para Jorge, que desliza o anel no dedo de Helena, murmurando uma promessa quase inaudível.

JORGE

(suave, olhando para
Helena)

Para sempre, ao seu lado.

Helena retribui, colocando a aliança no dedo de Jorge, com a mesma intensidade no olhar.

HELENA

Para sempre, meu amor.

Eles sorriem um para o outro e se beijam sob os aplausos dos convidados. Teodora, Júlia, Caio, Maristela, Ivan, Vicente e Cecília se levantam, comemorando com sorrisos e alegria. Lígia e Levi trocam um sorriso, como se sentissem que o amor ali celebrado se espalhasse por todos.

A câmera se afasta, capturando o casal emoldurado pelo cenário natural, com o céu em tons de laranja e rosa, e o jardim cheio de luzes que começam a se acender, celebrando o amor e a união de Helena e Jorge, rodeados de pessoas que fazem parte da história deles.

CENA 25. EXT. DIA. PRAIA.

Estão juntas Lígia, Cecília, Júlia e Teodora, três gerações envolvidas em uma só história. Em um só sentimento: amor. Enquanto elas se divertem em um fim de tarde, Lígia inicia um monólogo.

LÍGIA

Engraçado como a vida é generosa, né? Como ela insiste em nos dar novas chances... como se dissesse que sempre há tempo de amar, de recomeçar. Por tanto tempo, eu não soube o que fazer com a dor que carregava. Era como se ela tomasse tudo, como se ocupasse cada espaço em mim...
 Eu me sentia vazia... ou talvez cheia demais. Cheia de uma dor que eu não escolhi e que transbordava a cada tentativa de ser a mãe que você merecia.
 Eu não entendia que o passado não tinha que ditar todo o meu presente. E que, para recomeçar, era preciso olhar para mim mesma, ver a ferida, mas também a força que estava ali, quietinha, esperando a hora certa de acordar. Teve um momento que eu percebi que recomeçar não era esquecer... mas sim, aprender a viver com o que a gente viveu, com o que a gente perdeu, e até com o que a gente se negou.
 Hoje, aqui, eu sinto que o amor é como esse fim de tarde... lento, mas certo. Ele ilumina, aquece e chega até as partes que antes eu achava escuras demais para receber qualquer coisa.

(MORE)

LÍGIA (CONT'D)

Eu vejo vocês, três gerações de uma história só, e entendo que o amor é assim: ele atravessa o tempo, a dor, as dúvidas... Ele se refaz. E eu, depois de tudo, também me refiz. Estou aprendendo a amar de novo, a ser mãe de novo, a ser eu mesma de novo.

É isso que significa recomeçar. É dar a si mesma a permissão para tentar de novo, para sentir de novo, para acreditar que, apesar do que aconteceu, há algo mais. Há o agora. E, finalmente, eu estou aqui... inteira."

CONGELAMENTO EM:

LÍGIA, TEODORA, CECÍLIA E JÚLIA.

FIM DE CAPÍTULO

TEMA DE ENCERRAMENTO: Cais - Flávio Venturini.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

"GOSTARIA DE EXPRESSAR MINHA PROFUNDA GRATIDÃO À ONTV POR TER CEDIDO O ESPAÇO PARA QUE EU PUDESSE COMPARTILHAR A MINHA ARTE. EM UM MUNDO QUE, MUITAS VEZES, SE ESQUECE DA IMPORTÂNCIA DA EXPRESSÃO CRIATIVA, A ARTE É A LUZ QUE NOS GUIA, QUE ILUMINA AS SOMBRAS E NOS TRAZ ESPERANÇA.

AGRADEÇO IMENSAMENTE AO PRESIDENTE JOÃO PAULO RITTER, POR TER ACREDITADO NO POTENCIAL DA MINHA OBRA E POR ME PROPORCIONAR A OPORTUNIDADE DE APRESENTAR MEU TRABALHO. E, CLARO, UM AGRADECIMENTO ESPECIAL A TODOS OS LEITORES QUE ACOMPANHARAM ESSA JORNADA. O CARINHO E A ATENÇÃO DE CADA UM DE VOCÊS SÃO FUNDAMENTAIS. ATÉ A PRÓXIMA!

EVERALDO JÚNIOR - AUTOR DA OBRA

FIM

"Esse é um projeto sem fins lucrativos. Qualquer menção a atriz, ator e músicas são para fins lúdicos".